

## A CHARGE – INTERTEXTUALIDADE E INTERDISCURSIVIDADE PRESENTES EM SUA CONSTRUÇÃO

Vitória Vieira de Oliveira Kurtz de Azevedo<sup>1\*</sup>

**Resumo:** Este artigo fundamenta-se na teoria da Análise do Discurso (ORLANDI, 2003) de filiação pecheuxtiana. A partir de uma metodologia adequada à teoria, este texto se propõe a trabalhar com a análise de uma charge que trata sobre redes sociais e sua relação com a organização de protestos. Pretende-se, com a análise dessa materialidade, apreender os sentidos que a partir dela podem ser produzidos e, principalmente, colocar em evidência o processo de intertextualidade e de interdiscursividade que se instaura no momento de construção da charge, o que nos leva a compreender que ela sempre se apoia em um discurso prévio que lhe serve de matéria-prima.

**Palavras-chave:** discurso; Análise do Discurso; charge; interdiscursividade; intertextualidade.

**Abstract:** This article is based on the Discourse Analysis theory (ORLANDI, 2003) with Pêcheux's affiliation. From a methodology appropriate to the theory, this text proposes to work with the analysis of a cartoon that deals with social networks and its relation with the organization of protests. It is intended, with the analysis of this materiality, to apprehend the meanings that can be produced from it and, above all, to highlight the process of intertextuality and interdiscursivity that is established at the moment of the construction of the cartoon, which leads us to understand that it always relies on a previous speech that serves as raw material.

**Keywords:** speech; Speech Analysis; charge; interdiscursivity; intertextuality.

---

1 Bolsista de Iniciação Científica no projeto intitulado “Dissertações em Análise do Discurso: rastreando noções”, custeado pela FAPERGS e desenvolvido no Centro de Educação e Comunicação, na Universidade Católica de Pelotas (UCPel) sob orientação da Prof.ª Dr.ª Ercília Ana Cazarin. E-mail: [vitoria.zvs@gmail.com](mailto:vitoria.zvs@gmail.com).

## 1. Breve introdução à Análise do Discurso

Para compreender a teoria a qual sustenta este artigo, pensamos ser importante em um primeiro momento, considerar o contexto no qual a Análise do Discurso (AD) surgiu.

Em fins da década de 60, quando o filósofo Michel Pêcheux deu início à AD na França, o estruturalismo estava vivendo seu auge. A França, naquela época, era considerada a capital intelectual da Europa, pois contava com a presença de grandes estudiosos, como Jacques Lacan (figura importante na psicanálise) e Michel Pêcheux (fundador da teoria do discurso) dentre tantos outros. Mas o estruturalismo, que se fortaleceu com os estudos de Saussure, tratava da língua como um sistema e a separava da fala. Desta forma, o sujeito foi excluído das análises. Para Leandro-Ferreira (2003, p. 40), “o sujeito era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada”.

Foi a partir dos anos 70 que o estruturalismo passou a ser questionado. Para Pêcheux, havia algo a mais na língua, e que Saussure não tinha considerado em seus estudos. A partir disso é que Pêcheux constitui uma nova forma de operar sobre a linguagem (o discurso) que rompe com o sistema saussuriano. Assim, a teoria do discurso se constitui pela “brecha” que a Linguística formou ao deixar o sujeito e a exterioridade de lado em suas análises. Salientamos, no entanto, que os estudos de Saussure foram de suma importância no desenvolvimento de uma ciência voltada exclusivamente à linguagem e, além disso, contribuíram muito também para o próprio desenvolvimento da Análise do Discurso.

A Análise do Discurso surgiu em uma relação muito próxima com as ciências sociais e a Linguística, mas apesar disso é uma disciplina autônoma que, segundo Eni Orlandi, pesquisadora importante no desenvolvimento da AD aqui no Brasil, não pode ser considerada como auxiliar ou ainda como se pudesse completar o que falta nessas disciplinas.

## 2. Algumas noções basilares

Para a AD o sujeito é interpelado pela ideologia e atravessado pelo inconsciente e, ao produzir um discurso, é afetado pelo esquecimento n°2, que está ligado ao fato de o sujeito achar que o jeito que diz é único e que não poderia o dizer de outra forma e o esquecimento n°1, que dá a ilusão ao sujeito de que é dono do seu dizer.

Recorremos a Orlandi (2012) para melhor compreender a noção de sujeito:

Ao dizer, o sujeito significa em condições determinadas, impelido, de um lado, pela língua e, de outro, pelo mundo, pela sua experiência, por fatos que reclamam sentidos, e também por sua memória discursiva, por um saber/poder/dever dizer, em que os fatos fazem sentido por se inscreverem em formações discursivas que representam no discurso as injunções ideológicas. Sujeito à falha, ao jogo, ao acaso, e também à regra, ao saber, à necessidade. Assim o homem (se) significa. (ORLANDI, 2012c, p. 53, *apud* SILVA, 2014, p. 106-107)

Assim, o sujeito não é normatizado, não é um sujeito “perfeito”, mas, ao contrário, é interpelado por vários fatores que irão interferir em seu discurso. Este sujeito não existe sem ideologia, da mesma forma que o discurso não existirá sem ele. A ideologia é constitutiva do sujeito, é também “função da relação necessária entre a linguagem e o mundo” (ORLANDI, 1993, p. 31, *apud* QUEVEDO, 2012, p. 22).

O sentido, na Análise do Discurso, não é dado como universal, ainda que o sujeito que produz o discurso pense que o interlocutor irá interpretar seu discurso como ele propôs, pois, ao enunciar, já constrói uma imagem de seu ouvinte. Mas cada interlocutor interpretará de certa maneira, pois, ao produzir este gesto, o sujeito estará duplamente determinado pela ideologia e pelo inconsciente.

Outra noção importante, em especial, no campo metodológico, é a de formação discursiva (FD), pensada como um espaço heterogêneo, flexível, fluido e que, em uma certa posição dada, conforme aponta Pêcheux (1988/2009a, *apud* SILVA, 2014, p. 84), está relacionada ao que pode ou não ser dito. O sujeito, ao se inserir em uma determinada FD, assume uma posição-sujeito dentro dela e se identifica em maior ou menor grau com a forma-sujeito da referida FD. Ao produzir um texto ele será interpelado pela exterioridade e produzirá um texto a partir de outro texto em estreita relação com outros textos e com outros discursos.

A Análise do Discurso tem como objeto de estudo o discurso e como unidade de análise o texto. Assim, a relação entre texto e discurso é próxima, mas não é “biunívoca”, conforme propõe Orlandi (1988, *apud* CAZARIN, 1998, p. 14), pois um não é igual ao outro. O discurso é definido como efeito de sentido entre interlocutores e o texto caracteriza-

se como o lugar onde é possível apreender as construções ideológicas presentes em um discurso. Logo, percebemos que é através do texto que chegamos ao discurso.

Trazemos também a noção de intertextualidade e de interdiscursividade, que são de suma importância neste artigo, uma vez que delas tratamos e evidenciamos na análise. Esses dois conceitos relacionam-se à exterioridade constitutiva dos textos e dos discursos, ou seja, remontam a sua relação com algo que lhe é exterior e com que ele se relaciona.

O interdiscurso, para Orlandi (2003), é tudo o que já foi dito antes e foi esquecido, mas que determina o que dizemos. No interdiscurso “é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o ‘anonimato’, possa fazer sentido em ‘minhas’ palavras” (ORLANDI, 2003, p. 33-34 [grifos do autor]). A intertextualidade, por sua vez, é a retomada que um texto faz sobre outro texto, pois, conforme aponta Indursky (2001, p. 30), a intertextualidade consiste na “retomada/releitura que um texto produz sobre outro texto, dele apropriando-se para transformá-lo e/ou assimilá-lo”. Essa relação de intertextualidade aponta para textos que se inscrevem na mesma matriz de sentido. Portanto, um texto que porta intertextualidade, terá elementos que nos permitem associá-lo a este outro texto que lhe serviu de base. Essa relação entre os textos poderá ocorrer por meio da paráfrase, da citação etc.

Simplificando o que foi mostrado acima, podemos dizer que um texto pode comportar intertextualidade (presença de outros textos), assim como o discurso, na maioria das vezes, comporta interdiscursividade (presença de outros discursos). Com relação a esta última, é possível que tenham dificuldades para distinguir o que é do intradiscurso ou o fio do discurso e o que é do interdiscurso. Entretanto, nos cabe salientar que texto e discurso não são a mesma coisa.

### 3. Definindo nosso *corpus*

A charge, que trabalharemos a seguir, constitui nosso *corpus* que, segundo Courtine (2009, p. 54, *apud* CORDEIRO, 2015, p. 11), é

um conjunto de sequências discursivas, estruturado segundo um plano definido em relação a certo estado das condições de produção do discurso. A constituição de um *corpus* discursivo é de fato, uma operação que consiste em realizar, por meio de um dispositivo

material de certa forma (isto é, estruturado conforme um certo plano), hipóteses emitidas na definição dos objetivos de uma pesquisa.

Escolhemos uma charge que trata da questão “redes sociais” e sua relação com os protestos ocorridos em 2011. Em nossa análise consideramos o contexto em que foi produzida, sem deixar de levar em conta os sentidos que dela se apreende, mas nosso objetivo principal é mostrar as relações de intertextualidade que ela traz e também mostrar que, conforme Pêcheux pontuou, um discurso sempre se inscreve sobre outro discurso.

As charges se mostram interessantes para a análise por tratarem também do não verbal, pois o texto imagético também significa para nós, analistas de discurso. Leandro-Ferreira (2006) nos diz que hoje em dia a Análise do Discurso já não se preocupa somente com os discursos políticos, como na época em que surgiu, pois há mais um leque de possibilidades para se analisar.

Salientamos que a leitura que fizemos da charge é uma leitura pessoal, pois ela é sempre suscetível a tornar-se outra. O trabalho do analista do discurso, segundo o que nos aponta Orlandi (2001, p. 25 *apud* CORDEIRO, 2015, p. 22), é “[...] em grande parte o de situar (compreender) – não apenas refletir – o gesto de interpretação do sujeito e expor seus efeitos de sentido”. Assim, não pretendemos definir um sentido universal para a charge ou dizer que a análise que fizemos é única e não pode acontecer de outra forma, pois a teoria que trabalhamos não nos permite isso.

A charge é um gênero textual que traz, através do humor e da relação texto verbal e imagem, sátiras sobre coisas ou fatos do cotidiano. Miani (2012, p. 39) destaca a questão da efemeridade da charge e explica que ela pode ser esquecida enquanto acontecimento em nossa memória social, mas enquanto memória histórica permanecerá sempre viva.

Prosseguindo, Cagnin (s.d., *apud* MIANI, 2012) nos traz a ideia da finalidade da charge, que é:

[...] expor uma ideia, dissertar sobre um tema. Ainda que esteja ligada a um fato ou acontecimento e o represente de alguma forma, sua preocupação ou a do chargista, não é o acontecimento, mas o conceito que faz dele, ou mais comumente a crítica, a denúncia do fato, quando não procura aliciar o leitor para os seus arazoados, princípios, programas ou ideologia.

A charge pode ser reconhecida então como uma relação de humor com coisas do cotidiano. Ela também critica, satiriza e evidencia ocorrências acontecidas em certos momentos do tempo e, se pensarmos como Cagnin (s.d., *apud* MIANI, 2012), o que o autor da charge faz, através da crítica e da denúncia, é nos chamar a atenção para o fato em questão.

#### 4. Pensando a relação entre a internet e os protestos

Como a charge que propomos trabalhar se encontra na internet e trata especificamente sobre protestos e sua relação com as redes sociais como principal meio para difusão da organização desses protestos, consideramos alguns aspectos sobre eles para melhor encaminhar nossa análise.

A internet é um importante meio de divulgação e também um importante meio para se difundir notícias, pois ela alcança mais pessoas e traz mais possibilidades de discussão entre os usuários. As redes sociais, conforme aponta Recuero (2005, p. 88), são um conjunto de dois elementos: atores e suas conexões. As relações sociais, estabelecidas por usuários destes sites, levam à interação social que tem um reflexo comunicativo entre o indivíduo e seus pares (RECUERO, 2005, p. 89). Recuero (2009, p. 8), ainda diz que “as redes sociais, enquanto circuladoras de informações, são capazes gerar mobilizações”, o que muitas vezes passam a ser notícias em veículos jornalísticos, depois de alcançarem um grande público na rede.

Podemos relacionar a este fato os protestos organizados dentro desta esfera mediada pelas redes sociais, pois eles foram idealizados por usuários e tiveram uma grande difusão, alcançando outros usuários que tinham este interesse em comum. Organizaram-se na rede, nela tiveram grande repercussão e então alcançaram as ruas. Castells nos explica que esses protestos iniciados via sites de redes sociais “se tornam um movimento ao ocupar o espaço urbano, seja por ocupação permanente de praças públicas seja pela persistência das manifestações de rua” (2013, p. 129 *apud* DURIGAN, 2016, p. 22).

Conforme Cardozo e Di Fátima (2013, p. 148), desde sempre, os protestos estiveram relacionados com os meios de comunicação, como as rádios e os jornais, pois eles são os principais responsáveis por “exercerem função preponderante para os movimentos da contracultura, sobretudo em publicizar ideias, reivindicações e manifestos”.

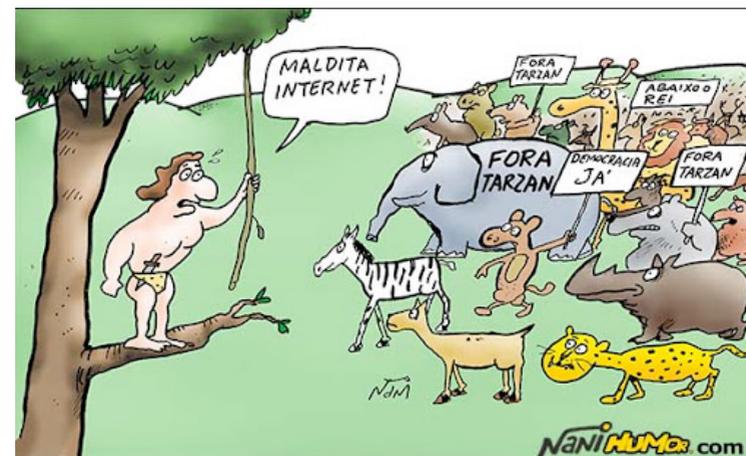
Compreendemos que os protestos organizados através das redes

sociais são capazes de gerar enormes mobilizações e organizar grandes manifestações. Como exemplo disso, recordemos que em 2011, o sinal de internet no Egito foi interrompido, em meio a uma grande proliferação de protestos organizados pelas redes sociais por usuários insatisfeitos com a crise política pela qual o país passava, é possível que isso tenha ocorrido para evitar a organização de novos movimentos. O governo negou, no entanto, que fosse o responsável pelo ato.

No Brasil, os protestos (como o “movimento passe livre” e os movimentos contra a corrupção) começaram a eclodir, principalmente no ano de 2011, mas até hoje percebemos mobilizações em torno de questões bem variadas. Os protestos que mais chamaram a atenção em 2015 e 2016 foram os que pediam o impeachment da presidente Dilma Rousseff. Foram organizados em todo o país, também através das redes sociais. Contudo, a presidente foi afastada pela votação na câmara dos deputados, que apresentaram como justificativa para o voto “sim”, justamente a relação com as mobilizações e a “vontade do povo”.

#### 5. Análise

Vejam a charge apresentada a seguir e os efeitos de sentido que ela pode produzir através da intertextualidade e da interdiscursividade.



Fonte: [www.nanihumor.com](http://www.nanihumor.com). Acesso em: 12 maio 2016.

Concordamos que a relação texto verbal e imagem é importante para a compreensão e para a produção do humor na charge.

Os cartazes trazidos pelos animais estão no imperativo e, desta forma, representam um pedido, mas em forma de ordem. O cartaz trazido por um dos animais no qual está escrito “Democracia já” nos remete ao fato de Tarzan ser, desde sempre, o rei da selva e o protesto dele então se dá pelo direito ao voto para que possam escolher democraticamente quem irá ocupar este lugar. Outros cartazes trazem o sintagma “abaixo o Rei” e “fora Tarzan”, que se inscrevem na mesma matriz de sentido, ou seja, visam a retirar Tarzan do poder.

Há também o cruzamento de diferentes discursos, como: o literário e do cinema; o da internet (como facilitadora e difusora de informações e um dos principais meios de organizar protestos); o discurso político; e o discurso da rua (dos protestos). Estes discursos aparecem na charge através de dois processos, ambos vistos sob a perspectiva da Análise do Discurso, a saber:

a) de intertextualidade, em que, por exemplo, a charge traz a história de Tarzan, personagem que mora na selva, onde é considerado rei;

b) de interdiscursividade, que diz respeito aos discursos que circulam referentes aos protestos e as manifestações e a influência que eles têm com relação à política.

Portanto, corroboramos com Pêcheux (1996 *apud* Marques, 2011, p. 194), quando pontua que um discurso é sempre pronunciado a partir das condições de produção dadas, e caracteriza-se pelas relações de sentido nas quais ele é produzido. O processo discursivo, de fato, não tem um início, visto que o discurso se apoia sempre em um discurso prévio que lhe serve de matéria prima. Assim, sintetizando, percebemos que os discursos presentes na charge, fazem um “diálogo” com outros já existentes.

Sob uma perspectiva discursiva, dizemos que essa charge está em um processo de intertextualidade, pois possui relação com outras charges e com outros textos, da mesma forma que está em um processo de interdiscursividade, pois também dialoga com outros discursos. O que queremos mostrar, portanto, é que o processo de construção desta charge se deu em cima de um texto/discurso já existente. Assim, a charge no cumprimento de sua finalidade de criticar ou chamar a atenção para um fato do cotidiano, conforme vimos anteriormente, vincula-se à intertextualidade e à interdiscursividade.

Nesta charge, notamos principalmente que o tema do protesto organizado através da internet, é um fato real que ocorreu no ano de 2011. O que acontece, porém, entre a charge e os protestos de 2011, é uma mudança nas condições

de produção. Os protestos ocorridos em 2011, ano de publicação da charge, faziam diversas reivindicações (como, por exemplo, movimentos que pediam o fim da corrupção) e a maioria deles eram organizados através de sites de redes sociais por usuários insatisfeitos com a administração pública. Eles então organizavam eventos, marcando, data, hora e local, e outros usuários confirmavam presença. Indo além, podemos pensar que estes protestos constituíram um acontecimento histórico, pois segundo o que pontua Rassi (2012, p. 45) “a Análise do Discurso compreende o acontecimento histórico como o recorte de um fato ou sequência de fatos ocorridos em um tempo e em um espaço”. É importante lembrar ainda que, para a mesma autora, o que está dentro da história e será denominado acontecimento histórico, é selecionado pelo historiador, que será o responsável por “contar” o que ocorreu em certo momento da história. Já nesta charge que estamos analisando, o que temos é uma piada/brincadeira/sátira sobre este acontecimento. Se não tivéssemos conhecimento sobre condições de produção desta charge, talvez não fosse possível entender a mensagem que o chargista queria passar.

Vejamos, a seguir, algumas notícias que nos falam sobre a ocorrência dos protestos no ano de 2011:

### **Manifestantes se reúnem em protesto contra a corrupção no Rio**

[...] O movimento “Todos contra a corrupção” foi organizado e divulgado pela internet. Os manifestantes aderiram através de redes sociais. No Facebook, até as 17h30, cerca de 35 mil pessoas tinham confirmado participação no evento

### **DF: manifestantes marcham pela 2ª vez para protestar contra a corrupção**

[...] Segundo a idealizadora do evento, Lucianna Kalil, a ideia de ir às ruas contra a corrupção ganhou força, inicialmente, por meio de redes sociais na *internet*. “O povo se movimenta para tanta coisa, consegue se juntar para tomar cerveja, para ver uma partida de futebol, para fazer outros tipos de marchas. E por que não se juntar contra a corrupção que é um mal que afeta todo mundo, ricos e pobres?”, indagou.

Contudo, a charge produzida em 2011, ainda em 2016, é capaz de produzir sentidos. Embora, como referido acima, o texto chargístico seja efêmero, ao considerarmos as condições de produção

do momento atual, ou seja, diante do contexto político atual (2017), esta charge continua produzindo sentidos. Não produz os mesmos sentidos daqueles em 2011, obviamente, mas produz outros sentidos.

## 6. Conclusão

Na construção da charge os discursos se cruzam e se relacionam, para então produzirem sentidos. A respeito da intertextualidade/interdiscursividade, que mostramos serem constitutivas da charge, corroboramos com Romualdo (2000, p. 6 *apud* MIANI, 2012) quando diz que:

Se a charge contém a expressão de uma opinião sobre determinado acontecimento, este deve ser um fato importante, com muita probabilidade de aparecer em outros textos do jornal. Isso dá ao leitor a possibilidade de relacioná-los e, até mesmo, usar esses outros textos para auxiliar na interpretação da charge. Nos casos em que as relações intertextuais se dão com textos que não estão no jornal, cabe ao leitor fazer a recuperação desses intertextos, para inteirar-se mais profundamente da mensagem transmitida pelo texto chárigo.

Portanto, considerando que a charge em análise (assim como tantas outras que circulam no ciberespaço) foi publicada em um site especificamente de um autor de charges, estes fatos não estarão, como disse Romualdo, presentes no mesmo meio em que foi publicada. Dessa maneira, esta intertextualidade/interdiscursividade que a charge possui, leva o leitor ao processo de produção de sentidos e à recuperação de elementos que serão imprescindíveis para a compreensão da mensagem que o chargista procura passar. O leitor precisa buscar e reconhecer os elementos que a charge traz e, ao mesmo tempo, relacioná-los ao seu contexto histórico, aos fatos recorrentes em seu cotidiano.

Por fim, salientamos que este artigo procurou trabalhar as noções de interdiscursividade e de intertextualidade, pensadas pela Análise do Discurso. Propomos compreender a charge e seus possíveis diálogos, seu funcionamento discursivo, ou seja, o que faz com que ela funcione de um modo e não de outro (remetendo ao político: manifestações; e não simplesmente a personagem ou cenário: Tarzan, selva etc.). Esperamos, ao concluir o texto, que ele sirva de apoio para estudos futuros sobre o tema.

## REFERÊNCIAS

CARDOSO, Gustavo; DI FATIMA, Branco. Movimento em rede e protestos no Brasil: qual gigante acordou?. *Revista ECO-Pós*, v. 16, n. 2, p. 143-176, 2013.

CAZARIN, Ercília Ana. *Heterogeneidade discursiva: relações e efeitos de sentido instaurados pela inserção do discurso-outro no discurso político de L. I. Lula da Silva*. Ijuí, RS: Editora da UNIJUÍ, Série Dissertações de Mestrado, 1998.

CORDEIRO, Maria Inês Gonçalves Medeiros. *Ensino profissionalizante no Brasil: determinações e escapes*. 2015. 135 f. Pelotas: UCPel, 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras.

DURIGAN, Gisleine de Fátima. *Video-ativismo em rede: um estudo sobre os protestos brasileiros de 2013 registrados no documentário 20 centavos*. Bauru: Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2016. Dissertação (Mestrado em Mídia e Tecnologia).

Entenda a crise no Egito. *G1*, Rio de Janeiro, 10 fev. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/crise-no-egito/noticia/2011/02/entenda-crise-no-egito.html>>. Acesso em: 23 set. 2016.

INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNST-PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bórneo (orgs.). *A escrita e a leitura como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. O quadro atual da Análise de Discurso no Brasil. In: *Letras*, n. 27, pp. 39-46, 2003.

\_\_\_\_\_. *Análise de Discurso no Brasil: notas à sua história. Percursos da análise do discurso no Brasil*. São Carlos: Claraluz, 2007, pp. 11-22.

MARQUES, Elizete Terezinha Lopes. O Discurso Chárgico: espaço de interpretação. In: GRANTHAM, Marilei Resmini; CASEIRA, Ingrid Gonçalves. (orgs.) *Análise do Discurso e ensino: Um olhar discursivo sobre a língua, a leitura e a interpretação*. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2011.

MIANI, Rozinaldo Antônio. Charge: uma prática discursiva e ideológica. In: *9ª Arte*. São Paulo, v. 1, n. 1, p. 37-48, 2012.

OLIVEIRA, Kelly. DF: manifestantes marcham pela segunda vez para protestar contra a corrupção. *Jornal do Brasil*, Brasília, 12 out. 2011. Disponível em: <<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/10/12/df-manifestantes-marcham-pela-2a-vez-para-protestar-contra-a-corrupcao/>>. Acesso em: 25 maio 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 5 ed. Campinas, SP: Pontes, 2003

RASSI, Amanda Pontes. Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”. *Rev. Hist. UEG-Goiânia*, v. 1, n. 1, p. 43-63, 2012.

RECUERO, Raquel. Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio de Azeredo; FIRMINO, Fernando. (Org.). *Metamorfozes jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, p. 1-269.

\_\_\_\_\_. Um estudo do capital social gerado a partir de redes sociais no Orkut e nos Weblogs. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, Brasil*, v. 1, n. 28, 2005. Disponível em: <<http://www.revistas.universciencia.org/index.php/famecos/article/view/454>>. Acesso em: 09 maio 2016.

SILVA, Naiara Souza. *Tatuagens: sujeitos e sentidos*. Pelotas: Ucpel, 2014. Dissertação (mestrado em Letras).

THUM, Tássia. Manifestantes se reúnem em protesto contra a corrupção no Rio. *GI RJ*, 20 set. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2011/09/manifestantes-se-reunem-em-protesto-contra-corrupcao-no-rio.html>>. Acesso em: 25 maio 2016.

QUEVEDO, Marchiori Quadrado. *Do gesto de reparar a(à) gestão dos sentidos: um exercício de análise da imagem com base na Análise do Discurso*. Pelotas: Universidade Católica de Pelotas, 2012. Dissertação (mestrado em Letras).